

Ulysses descobre a pólvora

Villas-Bôas Corrêa

Antes da embaixante maratona de ontem, em deslocamentos fulminantes de Brasília - depois do café matinal, obrigando a pular da cama na madrugada, com o presidente José Sarney - para São Paulo, cortejando a base que sustenta ambições, a sempre aconselhável reverência ao governador Orestes Quêrcia, feitor da fazenda eleitoral e o retorno aos enguiços da Constituinte, o dr Ulysses Guimarães produziu uma notável observação, constatando, em patético desabafo ao senador Humberto Lucena, que o PMDB não pode ser espremido para firmar posição partidária sobre nenhum dos temas de densidade política que estão para ser decididos nos próximos dias.



Se for apertado além do que o parafuso suporta, "o PMDB racha" - espanta-se o ocupante de todas as presidências, na surpresa de uma verificação tão inesperada quanto a do primeiro estrodo que atirou de pernas para o ar, chamuscado e no deslumbramento da euforia, o descobridor da pólvora.

Ora, eis aí uma evidência tão velha quanto a Sé de Braga, para ficar em comparação vetusta, como as circunstâncias recomendam. Disso sabem todos há muito tempo, a começar pelo sagaz dr Ulysses e que só está se fazendo passar por ingênuo por esperteza.

Toda a história da Constituinte, nas suas hesitações e no tempo desperdiçado, confunde-se com o enredo do esforço equivocado do dr Ulysses para salvar a unidade da sua legenda a qualquer preço, como quem preserva o que parece um traste imprestável antevendo as serventias futuras.

Agora, uma vez mais, os interesses superiores da Constituinte subordinam-se ao jogo das pretensões do candidato natural às alternativas da presidência presidencialista ou do primeiro-ministro parlamentarista.

Mas, manda a justiça que se

proclame que o dr Ulysses vem se redimindo dos muitos erros na fase tumultuária da Constituinte, com a admirável obstinação com que vem conduzindo, a pau e corda, as votações, impondo celeridade, resgatando prazos que pareciam perdidos, cobrando dedicação, presença, seriedade dos constituintes.

Não se exija o que ele não pode dar. O dr Ulysses acalenta o PMDB como o caçula que entenece o coração do progenitor velhusco. Por trás do desvelo pelo rebento não é difícil identificar os sonhos que, tantas vezes, povoaram o sono do velho lutador.

Se o PMDB racha, uma vez convocado a cumprir o elemento de uma legenda majoritária, dona do governo e da Constituinte, qual é a solução? O jeito é decidir no voto. E, então, qual é a diferença do PMDB esconder a cabeça, como avestruz, para depois exibir, como sempre e em todas as votações, as suas mazelas e divergências?

O que está em jogo, a esta altura da transição, no transe de uma crise abrangente, não é a miudeza da unidade de mentirinha do PMDB. Mas a urgência de decisões que espantem os fantasmas, desafoguem as tensões e estabeleçam o império do fato consumado. Pois, uma vez que a Constituinte deslinde os grandes desafios da definição do sistema de governo e da duração do mandato, vão parecer ridículos os medos de golpes, os encolhimentos diante de ameaças, os arrepios, novamente em moda, provocados pela leitura de pronunciamentos fardados.

A Constituinte tem mais força do que imagina. E se não deve abusar dela também não há porque deixar de usá-la quando preciso, para limpar o caminho, afastando o entulho. Autoritário ou simulador. O receio diante do blefe é tão grotesco e desprezível quanto o recuo em face do risco efetivo.

Depois, ao observador mais atento, o céu se apresenta desanuviado. As nuvens carregadas de dias atrás despencaram em chuviscos ou dissiparam-se ao sopro de ventos do Planalto.

O presidente Sarney está dando o exemplo, o bom exemplo. Desconfio que são os sortilégios do bruxo Thales Ramalho, inaugurando mági-

cas antes mesmo da solenidade de uma posse sem grandes pompas. Desnecessárias, aliás. Até mesmo desaconselháveis. Thales é o articulador das sombras, da meia-luz, da conversa discreta, a dois, sem pressa e sem ênfase. Uma das suas habilidades é conduzir o interlocutor a absorver as suas propostas assumindo a paternidade delas. Há muita transa celebrada em prosa e verso, atribuída a autores ilustres e que foram destiladas, nos papos da noite, regados a vinho alemão, entre o riso espremido e o faiscar de olhos maliciosos, pelo antigo deputado e ministro aposentado do Tribunal de Contas.

Sarney pode ganhar, nos imprevididos de um plenário dividido ao meio ou perder, como parece provável ante o clima oposicionista que se respira no país, desde e decepção com o cruzado. O que não há dúvida é que a sua postura mais inteligente é essa, de retraimento decoroso, afirmando a subordinação à autonomia da Constituinte e jogando, como é da boa regra, através dos seus ministros, líderes e parlamentares de fé. O presidente não pode expor-se e muito menos confrontar-se com a Constituinte. Na briga, corda esticada, perde todas.

A véspera está ficando longa demais. E não há nervos que agüentem. A Constituinte está disparada, numa correria louca, tentando descontar o tempo perdido. Já é acusada de excesso de pressa. No cansaço e no sufoco, muitos votam sem saber o quê. Mas dela se cobram os prazos ultrapassados, na arrumação da casa desfeita pelas omissões do PMDB. Paciência. Não adianta chorar sobre o leite derramado.

Agora, quanto mais depressa, melhor. A crise, as tensões, o nervosismo são típicas da expectativa de decisões fundamentais. Agravadas pela falta de partidos responsáveis e de lideranças. Dentro e fora da Constituinte. Depois do voto, apurada a maioria absoluta que decide, um pedaço da crise principiará a desmanchar-se. Não é possível que o país esteja sob a efetiva ameaça do ridículo internacional de eleger uma Constituinte para não aceitar a Constituição promulgada. A Constituinte deve cuidar-se para não ter mais medo que precisa.